MANUAL ILUSTRADO DE ALGUMAS PLANTAS ESPONTÂNEAS NO RIO DE JANEIRO

H.E. STRANG *
J.P.P. CARAUTA **
M.C. VIANNA **
VANIA AIDA **

Aproximava-se do final o ano de 1962 e com ele havia também chegado praticamente ao fim, o aterro da área que iria constituir o futuro Parque do Flamengo, no Rio de Janeiro. Terra e material de entulho das mais variadas origens haviam ali sido lançados, predominando porém aquele resultante da demolição do Morro de Sto. Antônio.

Favorecida pelo calor e umidade próprios do clima local, instalou-se sobre toda a área uma pujante vegetação espontânea de ervas e arbustos, como costuma acontecer nos terrenos baldios das cidades.

Passando pelo local seguidas vezes, em companhia do Prof. Alberto Castellanos, ocorreu-nos o interesse que apresentaria um levantamento botânico dessa flora, espécie de comunidade fugaz, reunindo-se em pequeno estudo a origem e principais características de cada planta. Ilustrada cada uma em informal bico-de-pena, poderia o conjunto servir a um manual, útil a todos interessados num melhor conhecimento da Natureza.

Num certo momento, e logo antes que as máquinas niveladoras entrassem para o modelado final do terreno, por feliz acaso, praticamente todas as espécies achavam-se em flor. Assim foi que na manhã de domingo, 25 de novembro de 1962, procedemos à coleta do material, que foi em seguida preparado e depositado no Herbário do Centro de Pesquisas Florestais e Conservação da Natureza (GUA), atual Departamento de Conservação Ambiental da FEEMA—RJ.

Motivos alheios à nossa vontade impediram que o projeto tivesse então a realização planejada, e foi o mesmo sendo adiado. A perda do saudoso mestre em 5 de setembro de 1968, privou-nos finalmente de sua colaboração, muito embora tivesse ele já deixado indicadas várias determinações.

Somente dezoito anos mais tarde, com a participação dos colegas Pedro Carauta e Maria Célia Vianna, pode o projeto ser concretizado, para o que contamos também com a habilidade de desenhista da artista Vania Aída. Ao colega José de Paula Lanna Sobrinho agradecemos a gentileza da revisão dos nomes vulgares. O total das descrições e gravuras constituirá, como desejávamos, um manual prático; apresentamos aqui, como contribuição original, a lista das espécies e algumas considerações finais.

As espécies, em número de 47, são as seguintes:

* Da FBCN

** Do DECAM, FEEMA.

AMARANTHACEAE

Amaranthus spinosus L.

APOCYNACEAE

Catharanthus roseus (L.) G. Don

CHENOPODIACEAE

Chenopodium ambrosioides L.

COMPOSITAE

Ageratum conyzoides L.

Ambrosia artemisiifolia L.

Aster squamatus Hier.

Bidens pilosa L.

Conyza bonariensis (L.) Cronquist

Eclipta alba Hassk.

Erechtites hieracifolia Rafin.

Pluchea sagittalis (Lam.) Cabr.

Porophyllum ruderale Cass.

Siegesbeckia orientalis L.

Sonchus oleraceus L.

CONVULVULACEAE

Ipomoea acuminata (Vahl.) Roem. et Schult.

CRUCIFERAE

Lepidium ruderale L.

EUPHORBIACEAE

Acalypha poiretii Sprengel

Euphorbia hispidifolia L.

Euphorbia serpens HBK

Ricinus communis L.

LEGUMINOSAE

Crotalaria mucronata Desv.

Sesbania marginata Benth.

MALVACEAE

Malvastrum coromandelianum (L.) Garcke

Sida carpinifolia L.f.

Sida rhombifolia L. var. *canariensis* (Willd.) Gris.

Sida spinosa L. var. *angustifolia* (Lam.) Gris.

PORTULACACEAE

Portulaca oleracea L.

RUBIACEAE

Borreria verticillata (L.) G.F.W. Meyer

SOLANACEAE

Nicotiana glauca R. Grah.

Nicotiana tabacum L.

Solanum americanum Mill.

Solanum paniculatum L.

TURNERACEAE

Turnera ulmifolia L.

VERBENACEAE

Verbena brasiliensis Vell.

CYPERACEAE

Cyperus esculentus L. var. *macrostachys* Kunth

Cyperus ligularis L.

Cyperus meyenianus Kunth

GRAMINEAE

Cenchrus echinatus L.

Cynodon dactylon (L.) Person

Digitaria sanguinalis (L.) Scop.

Echinochloa colonum (L.) Link

Eleusine indica (L.) Gaertner

Eragrostis ciliaris (L.) Link

Panicum maximum Jacq. var. *maximum*

Rhynchelytrum repens (Willd.) Hubbard

Setaria geniculata (Lam.) Beauvois

Trichachne insularis (L.) Nees

Num cômputo geral verifica-se que 27 das 47 espécies estudadas, ou seja 56%, são de origem americana.

No que se refere às duas famílias mais representadas Compostas e Gramíneas — nota-se que a primeira tem dominância de espécies americanas (7 em 11), o que não ocorre em relação às Gramíneas, cuja maioria (8 em 12), nos vem da Eurásia e África.

A rusticidade, o poder de adaptação e de disseminação nessas famílias ficam assim evidenciados, e coincide com o fato de serem elas, conforme se crê, as mais evoluídas dentro de seus respectivos grupos.

ÍNDICE ALFABÉTICO

1. *Acalypha poiretii*
2. *Ageratum conyzoides*
3. *Amaranthus spinosus*
4. *Ambrosia artemisiifolia*

5. *Aster squamatus*
6. *Bidens pilosa*
7. *Borreria verticillata*
8. *Catharanthus roseus*
9. *Cenchrus echinatus*

10. <i>Chenopodium ambrosioides</i>	29. <i>Nicotiana tabacum</i>
11. <i>Conyza bonariensis</i>	30. <i>Panicum maximum</i>
12. <i>Crotalaria mucronata</i>	31. <i>Pluchea sagittalis</i>
13. <i>Cynodon dactylon</i>	32. <i>Porophyllum ruderale</i>
14. <i>Cyperus esculentus</i>	33. <i>Portulaca oleracea</i>
15. <i>Cyperus ligularis</i>	34. <i>Rhynchelytrum repens</i>
16. <i>Cyperus meyenianus</i>	35. <i>Ricinus communis</i>
17. <i>Digitaria sanguinalis</i>	36. <i>Sesbania marginata</i>
18. <i>Echinochloa colonum</i>	37. <i>Setaria geniculata</i>
19. <i>Eclipta alba</i>	38. <i>Sida carpinifolia</i>
20. <i>Eleusine indica</i>	39. <i>Sida rhombifolia</i>
21. <i>Eragrostis ciliaris</i>	40. <i>Sida spinosa</i>
22. <i>Erechtites hieracifolia</i>	41. <i>Siegesbeckia orientalis</i>
23. <i>Euphorbia brasiliensis</i>	42. <i>Solanum americanum</i>
24. <i>Euphorbia serpens</i>	43. <i>Solanum paniculatum</i>
25. <i>Ipomoea acuminata</i>	44. <i>Sonchus oleraceus</i>
26. <i>Lepidium ruderale</i>	45. <i>Trichachne insularis</i>
27. <i>Malvastrum coromandelianum</i>	46. <i>Turnera ulmifolia</i>
28. <i>Nicotiana glauca</i>	47. <i>Verbena brasiliensis</i>

1 -- **ACALYPHA POIRETII** Sprengel, Syst. 3: 879. 1826.

Família: *Euphorbiaceae*

Pio-Corrêa, Dic. 2: 239. 1931.

Nome vulgar: chorão

Erva de caule hirsuto. As folhas são de forma oblongo-ovada, acuminadas no ápice e serreadas na margem, providas de pubescência na lâmina. Na axila das folhas ou no ápice dos ramos desenvolvem-se espigas de flores vermelhas. O fruto é uma cápsula tuberculada.

Devido ao colorido das espigas é uma espécie cultivada em nossos jardins.

Acalypha é um antigo nome grego da "urtiga" (da família das *Urticaceae*), com a qual se assemelha um pouco.

A espécie foi dedicada por Sprengel ao botânico francês Jean Louis Marie Poirét (1755–1834), sendo originária da América tropical mas com os descobrimentos marítimos espalhou-se para outros continentes.

Leg.: A. Castellanos n.º 23470. GUA: 1746.

Det.: Margarete Emmerich IV. 1965.

2 -- **AGERATUM CONYZOIDES** L., Spec. Plant. 2: 839. 1753.

Família: *Compositae*

Baker, J.G. in Martius, Fl. Bras. 6(2): 194-195. 1876.

Pio-Corrêa, Dic. 2: 139. 1931.

Kuhlmann, J.G. et alii, Arq. Jard. Bot. 7: 116. 1947.

Barroso, G.M., Rodriguésia 32: 192. 1957.

Barroso, G.M., Ibid. 33 e 34: 94-95. 1959.

Germtchujnicov, I., Chave pls. dani: 205-206. 1966/1968.

Nomes vulgares: catinga-de-bode, catinga-de-barão, erva-de-são-joão, picão-branco, santa-luzia.

Erva anual, não ultrapassando 1 m de altura, pubescente, fortemente ramificada. As folhas são opostas, pecioladas, membranáceas, pilosas, com ápice sub-agudo e base arredondada; margem crenada. Os capítulos são dispostos em corimbos terminais; involúcro campanulado. As flôres são

cêrca de 50 em cada capítulo, tubulosas, minúsculas, alvas ou azuladas. O fruto é um aquênio bastante pequeno, mais ou menos encurvado, glabro; o pápus é constituído de 5 escamas dilatadas na base, aristadas no ápice, com cerca de 2 mm de comprimento.

Como planta medicinal é citada como anti-reumática, anti-diarréica e útil contra os resfriados. É usada para aromatizar roupa.

Ageratum é nome que significa o que não envelhece. *Conyzoides* — semelhante à *Conyza*, outro gênero da mesma família.

Área geográfica: América tropical.

Leg.: A.Castellanos n.º 23475. GUA: 1751

Det.: G.M.Barroso XII. 1963.

3 — **AMARANTHUS SPINOSUS** Linnaeus, Sp. Pl. 991. 1753.

Família: *Amaranthaceae*

Pio-Corrêa, Dic. 1: 328. 1926.

Kuhlmann et alii, Arch. Jard. Bot. 6: 132.

Gernchujnicov, Chav. pl. dani.: 21. 1968

Nomes vulgares: caruru-bravo, caruru-de-espinho, amaranto.

Erva, em geral com 1 metro de altura. Caule sulcado, com espinhos na axila das folhas (daí o nome de *spinosus*), provido de epiderme verde-escura ou verde-avermelhada. Folhas de pecíolo longo, de forma oval a lanceolada, ápice acuminado, glabras. Espigas com numerosas flores pequenas, sésseis, providas de brácteas lineares. Sementes pequenas, numerosas, germinando de modo fácil ao caírem em solo propício.

As folhas são comestíveis e podem ser usadas depois de cozidas, sendo consideradas na medicina doméstica como laxativas e emolientes. Alguns povos consideram a raiz como medicamento valioso contra eczemas e principalmente anti-blenorrágico.

Amaranthus se deriva do grego e significa “flor que não murcha”, por isso entre os antigos o “amaranto” era o símbolo da imortalidade.

Planta cosmopolita tropical.

Leg.: A. Castellanos n.º 23.480. GUA: 1729.

Det.: P. Carauta 17.IX. 1971.

4 — **AMBROSIA ARTEMISIIFOLIA** L., Sp. Plant. 2: 988. 1753.

Família: *Compositae*.

Baker, J.G. in Mart. Fl.Bras. 6 (3): 150. 1884.

Coste, H. (Abbé), Fl. France 2: 482. 1903.

New Britton & Brown, Illustr. Fl. 3: 374, fig. pág. 375. 1958.

Barroso, G.M. Rodriguésia 33 e 34: 128. 1959.

Nome vulgar: losna-do-mato.

Erva anual, ereta, bastante ramosa, pilosa, inodora. As folhas são alternas acima, e opostas abaixo, membranáceas, pilosas, pecioladas, comumente bipinatifidas. Os capítulos estão em racemos; o involúcro masculino é campanulado, o feminino é obpiramidado. Os capítulos estéreis são curtamente pedunculados. O aquênio é crasso e envolvido pelo involúcro; não existe pápus.

Ambrosia é nome clássico, de origem grega — ambrosios, que dá a imortalidade, talvez aludindo ao odor aromático de várias espécies. Era tido como o alimento dos deuses; *artemisiifolia* — com folhas de *Artemisia*.

Área geográfica: Regiões tropicais e subtropicais. Foi originalmente descrita para a América do Norte.

Leg.: A.Castellanos n.º 23474 GUA: 1750.

Det.: G.M.Barroso — XII. 1963.

5 — **ASTER SQUAMATUS** (Spreng.) Hier. in Engler, Bot. Jahrb. 29: 19. 1901.

Família: *Compositae*

Baker, J.G. in Mart., Fl. Bras. 6 (3): 21-22. 1882. (sub *A.divaricatus*

Torr. et Gray).

Barroso, G.M., Rodriguésia 33 e 34: 119. 1959.

Gemtchujnicov, I., Chave pls. dani.: 210. 1966/1968.

Conyza squamata Spreng., Syst. Veg. 3:515. 1826.

Erva anual, ereta, ramificada, glabra, folhosa, folhas oblanceolado-lineares, ápice agudo, inteiras, glabras. Os capítulos que são pequenos e pedunculados, de pedúnculo bracteado, estão dispostos em amplas panículas; involúcro campanulado, formado por brácteas lineares, trisseriadas, agudas, glabras; as flores marginais são femininas, brancas, liguladas; as do centro são hermafroditas e tubulosas, amarelas. O aquênio é comprimido, pubescente; pápus rosado.

Aster é devido ao formato estrelado dos capítulos; *squamata* se refere ao pedúnculo do capítulo, que tem pequenas brácteas parecendo escamas.

Área geográfica: América do Sul.

Leg.: H.E.Strang n.º 452 GUA: 1856.

Det.: G.M.Barroso XII. 1963.

6 — **BIDENS PILOSA** L.Spec. Plant. 2: 832. 1753.

Família: *Compositae*

Baker, J.G.in Martius, Fl. 6 (3): 244. 1884

Kuhlmann, J.G. et alii. Arq. Jard. Bot. 7:110-111, 1947.

Barroso, G.M., Rodriguésia 33/34: 132. 1959.

Gemtchujnicov, I., Chave pls. dani.: 219, fig. 43. 1966/1968.

Nomes vulgares: picão, picão-do-campo, piolho-de-padre, carrapicho-de-duas-pontas, kuambri, marcela-do-campo, picão-preto.

Erva anual, ereta, geralmente glabra, caule anguloso, ramificado. Folhas opostas, longo-pecioladas, sub-pilosas, geralmente 1-3 folioladas (o folíolo central é geralmente maior), ocorrendo também simples; margem serrilhada. Os capítulos, que são pedunculados, estão contidos em corimbos frouxos; involúcro campanulado, bisseriado; podem ocorrer ou não, flores marginais, que são geralmente hermafroditas, liguladas, pálidas. As flores do disco, são femininas, tubulosas, amarelas ou brancas. O fruto é um aquênio linear com cerca de 0,9 cm de comprimento e 0,1 cm de largura, 2-3 rostrado no ápice. Sistema radicular axial.

O seu valor na medicina ainda não foi confirmado. Segundo alguns é desobstruente, anti-escorbútica, sendo também usada no curativo de feridas. É dita como sendo usada pelos indígenas no preparo de um digestivo. Os ramos e as folhas são estimulantes e mucilaginosos.

Bidens é palavra latina que significa 2 dentes, referindo-se ao aquênio, que por isso facilmente se adere à roupa.

Área geográfica: Regiões tropicais e subtropicais. É uma espécie cosmopolita e ruderal.

Leg.: H.E.Strang n.º 447 GUA: 1763.

Det.: G.M.Barroso XII. 1963.

7 — **BORRERIA VERTICILLATA** (L.) G.F.W.Meyer in Prim. Fl. Essq.: 83. 1818.

Família: *Rubiaceae*

Schumann, C. in Mart., Fl. Bras. 6 (6): 49-51, tab. 77. 1888.

Fawcett, W. and Rendle, A.B., Flora Jam. 7 (5): 125-126. 1936.

Kuhlmann, J.G. et alii, Arq. Jard. Bot. 7: 52-53. 1947.

Sucre, D. Rodriguésia 33 e 34: 258-259., 16. 1959.

Spermacoce verticillata L., Sp. Plant. 1: 102. 1753.

Nomes vulgares: poaia-falsa, poaia-preta, poaia-rosário, vassourinha-de-botão (Brasil), botón-blanco (P.Rico).

Erva anual ou perene ou sub-arbusto ramoso, não atingindo 1 m de altura, com base lenhosa e ramos tetragonos. As folhas são lineares ou lanceoladas, com pecíolo bastante curto; muitas setas com cerca de 3 mm de comprimento. As flores são brancas e estão reunidas em inflorescência globosa, axilares e terminais. O fruto é uma cápsula sub-globosa, coriácea, glabra. A semente é oblonga, sulcada, purpúreo-nigrescente.

Borreria é dedicada a W. Borrer (1781-1862), botânico inglês; o epíteto específico se deve a que as folhas, que são sésseis e opostas, se agrupam nos nós, parecendo verticiladas.

Área geográfica: Regiões tropicais.

É citada por Velez y Overbeck, : 390. 1950, como sendo o principal alimento da vespa brasileira (*Larra americana*).

Leg.: A.Castellanos n^o 23464. GUA: 1750.

Det.: D. Sucre B. VIII. 1971.

8 — **CATHARANTHUS ROSEUS** (L.) G. Don, Gen. Syst. Gard. Bot. 4: 95. 1838.

Família: *Apocynaceae*

Pio-Corrêa, Dic. 1: 311. 1926.

Vélez et Overbeck, Pl. indes. 296. 1950.

Lombardo, Pl. acuát. y flor. 190. 1970.

= *Vinca rosea* L., Sp. Pl. 1753. Syst. Nat. ed 10: 944. 1759.

Nomes vulgares: boa-noite, boa-tarde, vinca.

Erva sub-lenhosa na base, lactescente, erecta ou decumbente. As folhas são inteiras, elípticas, opostas, com o pecíolo glanduloso na base. Flores solitárias ou geminadas, sésseis, de corola rosa-violácea ou branca, muito vistosa.

É uma planta cultivada como ornamental, mas cresce também de modo espontâneo em todas as regiões tropicais. É originária, no que tudo leva a crer, da Ilha de Madagascar.

Leg.: A.Castellanos n^o 23471. GUA: 1747.

Det.: D.Azambuja 25.XI. 1962.

9 — **CENCHRUS ECHINATUS** L., Sp. Pl. 1050. 1753.

Família: *Gramineae*

Pio-Corrêa, Dic. 1: 637. 1926.

Hitchcock, Contr. U.S.Nat. Herb. 24 (8): 488. 1927.

Nome vulgar: carrapicho, capim roseta.

Erva anual, muito ramificada. Colmos de base decumbente, com entrenós curtos, geralmente com meio metro de comprimento. Lâmina do filódio, estriada, rígida e pubescente. As espigas são

oblongas, de 8-30 capítulos globosos, sésseis, pouco vilosos, cobertos por espinhos involuocrais setáceos, sub-pungentes. Depois que a inflorescência se acha madura, os espinhos involuocrais endurecem, desprendem-se facilmente e aderem ao pêlo dos animais e à roupa do homem.

O carrapicho dá uma forragem pobre em celulose mas rica em matérias não azotadas, sendo apreciada apenas pelos cavalos.

Vegeta de preferência no litoral marítimo dos trópicos de todos os continentes. Foi descrita pela primeira vez, segundo material coletado, nas Antilhas.

Leg.: H.E.Strang, n.º 510 GUA: 2591.

Det.: M. do Carmo Monteiro, X 1971.

10 — **CHENOPODIUM AMBROSIOIDES** Linnaeus, Sp. Pl. 219. 1753.

Família: *Chenopodiaceae*

Fenzl in Martius, Fl. Bras. 5 (1): 145. 1864.

Parodi, Rev. Fac. Agr. Vet. Bs.As. 5: 123. 1926.

Kuhlmann et alii, Arch. Jard. Bot. 6: 57. 1933.

Vélez et Overbeck, Pl. ind. 104. 1950.

Atala, Vellozia 1 (4): 173. 1964.

Gemtchujnicov, Ch. pl. dan.: 17. 1968.

Nome vulgar: Erva-de-santa-maria.

Erva de até 1 metro de altura, com o caule erecto ou decumbente, sulcado e glabro. As folhas são alternas e exalam um forte odor, e se mastigadas apresentam um sabor desagradável, tal como os purgantes comerciais.

As folhas inferiores são oblongo-lanceoladas, acuminadas, glabras, de margem mais ou menos lobado-sinuosa ou denteada; e as superiores lanceolado-lineares. Inflorescência em panícula aberta provida de flores minúsculas, alvas ou esverdeadas. As sementes são de cor bruno-avermelhadas ou pretas.

A erva-de-santa-maria tem sido muito cultivada em virtude das suas propriedades vermífugas. Atribuem-se-lhe resultados positivos como tratamento às crianças que padecem de lombrigas, que a tomam depois de fervida com leite. Segundo J.P. Lanna Sobrinho, se colocada na roupa, ou sob a cama afasta as pulgas e outros insetos devido ao forte óleo essencial que exala.

Chenopodium significa "pata de gancho" e deriva do grego, como alusão à forma das folhas de diversas espécies do género.

Medra nas regiões temperadas e tropicais de todos os continentes.

Leg.: H.E.Strang n.º 448 GUA: 1797.

Det.: Ida de Vattimo 1.X. 1971.

11 — **CONYZA BONARIENSIS** (L.) Cronquist, Bull. Torrey Bot. Club 70:632. 1943.

Família: *Compositae*.

Baker, J.G. in Mart., Fl. Bras. 6 (3): 30-31. 1882. (sub *Erigeron bonariensis* L.).

Barroso, G.M., Rodriguésia 33 e 34: 120. 1959.

Gemtchujnicov, l., pl. dan.: 210-211. 1966/1968.

Erigeron bonariense L., Sp. Plant. 2: 863, 1753.

Erva anual, erecta, com caule estriado, piloso, folhoso. Folhas inferiores oblanceoladas, lobadas ou dentado-lacinadas ou mais raramente inteiras; as superiores são inteiras. Os capítulos multifloros, pediculados, estão em panículas longas; involuocro hemisférico; as flores marginais são femininas, têm corola filiforme, são curto-liguladas e as do disco são hermafroditas, tubulosas. O aquênio é oblongo, comprimido, pubescente; pápus alvo ou levemente rosado.

Conyza — nome usado por Dioscorides e Plínio para algumas espécies, parecendo vir de "Konops" = pulga. Outros acham ter vindo de "konudza", também grego, aludindo à uma suposta propriedade dessas plantas. O epíteto específico se deve a ter sido descrita para a região pratense — Buenos Aires.

Área geográfica: amplamente distribuída por todo o mundo. Ruderal. Descrita da América do Sul — Rio da Prata.

Leg.: H.E.Strang n.º 454 GUA: 1858

Det.: G.M.Barroso XII. 1963.

12 — **CROTALARIA MUCRONATA** Desv. in Journ. Bot. Appliq. 3: 76. 1814.

Família: *Leguminosae* — *Faboideae*

Bentham, G. in Mart., Fl. Bras. 15(1): 26. 1859. (sub *C.striata* DC.).

Fawcett, W. et Rendle, A.B., Flora Jamaica 4 (2): 12. 1920.

Kuhlmann, J.G., Occhioni, P. e Falcão, J.I. de A., Contribuição est.pls. rud. Brasil — Arq.J.B.R.J. 7: 96-97. 1947.

Polhill, R.M., Miscellaneous notes on African species of *Crotalaria* L.:

II. — Kew Bull. 22 (2): 262-265. 1968.

= *C.striata* DC., Prodr. 2:131. 1825.

Nomes vulgares: cascavelheira, chocalho-de-cascavel, guiso-de-cascavel, maracá, xique-xique.

Erva ou sub-arbusto anual, ereto, ramificado, sem estípulas; folhas trifoliadas, folíolos oval-elípticos, glabros ou levemente pubescentes, ápice mucronulado, agudo. Flores amarelas, estriadas, curto-pediceladas, em racemos multifloros, terminais. Legume cilíndrico, glabro, com numerosas sementes.

Crotalaria vem do grego e significa chocalho, referindo-se ao barulho que se produz nos frutos, quando agitados; *mucronata* vem da característica morfológica da folha.

Área geográfica: Regiões tropicais, especialmente perto do litoral.

Leg.: A.Castellanos n.º 23476 GUA: 1764

Det.: H. de F. Leitão F.º XI. 1971.

13 — **CYNODON DACTYLON** (L.) Persoon, Syn. Pl. 1: 85. 1905.

Família: *Gramineae*

Pio-Corrêa, Dic. 1: 528. 1926.

Hitchcock, Contr. U.S.Nat. Herb. 24 (8): 412. 1927.

Atala, Vellozia 1 (4): 174. 1964.

Gemtchujnicov, Chav. pl. dan. 255. 1968.

Nomes vulgares: grama-de-burro, capim-de-burro, capim-fino, capim-bermuda.

Erva anual formando extensas colônias rasteiras. Apresenta os rizomas estolhosos, isto é, providos de feixes de raízes que nascem de distância em distância, partindo dos nós. Os colmos são lisos, ascendentes e com várias folhas em cada nó. A bainha é coberta de pêlos esparsos. A inflorescência com 4-6 espigas flexíveis, é às vezes de cor levemente violácea.

Após a floração os colmos assumem a posição erecta enquanto que os rizomas enraizam fortemente e se aprofundam no solo, resistindo às secas mais prolongadas graças à água que armazenam. Embora sobre essa gramínea seja levantada a suspeita enquanto jovem, de ser tóxica para o gado, ela dá uma forragem de alto valor nutritivo, apenas excedido por um pequeno número de outras gramíneas.

Os rizomas são adocicados e contêm amido.

Originária da Eurásia, acha-se atualmente espalhada por todo o globo como ruderal ou viária.

Cynodon significa dente-de-cachorro, provavelmente uma alusão às bainhas dentiformes dos estolões; e *dactilon* refere-se às espigas que partem do ápice da inflorescência, tal como os dedos da mão.

Leg.: H.E.Strang no 443 GUA: 1758.

Det.: C.E.Hubbard.

14 — **CYPERUS ESCULENTUS** L. var **MACROSTACHYS**

Boeckeler, Linnaea 36: 201. 1969-70.

Família: *Cyperaceae*

Barros in Descole, Gen. sp. arg. 4 (1): 34, t.9. 1947.

Gemtchujnicov, Chav. pl. dan. 389. 1969.

Nome vulgar: tiririca-mansa.

Erva perene provida de inflorescência densa, com espiguetas longas, de até 4 cm de comprimento, com 30 a 40 flores, estas com as glumas mucronadas. O aquênio tem a metade do tamanho da gluma. Os rizomas são estolhosos e com tubérculos amarelos mostrando estrias transversais bem nítidas quando jovens. Esses pequenos tubérculos são comestíveis e podem ser submetidos à torrefação, moagem e depois misturados ao pó do café.

A tiririca-mansa é nativa na América do Norte e daí espalhou-se como planta viária por toda a América tropical e subtropical tornando-se uma praga hortícola.

Esculentus significa alimentício e *macrostachys* quer dizer eixo longo, uma alusão ao comprimento das espigas.

Leg.: H.E.Strang n.º 446. GUA: 1762.

Det.: M.Barros, I. 1965.

15 — **CYPERUS LIGULARIS** L., Pl. Jamaic. pugill.: 3.1759, Amoen. Acad. 5: 391.

1760 et Sp. pl. ed. 2. 1: 70. 1762.

Família: *Cyperaceae*.

Pio-Corrêa, Dic. 1: 642. 1926.

Barros in Descole, Gen. sp.arg. 4 (1): 104, t.42. 1947.

Nome vulgar: Capim-serra.

Erva perene, CESPITOSA de talo triangular que chega a 1 metro de altura, estriado e folioso na base. Os filódios são ásperos e cortantes na margem, mais longos do que o talo. O rizoma é horizontal e provido de fibras grossas e tortuosas. A inflorescência é em antela composta de 7 a 12 raios divaricados ou erecto-patentes, que levam em sua extremidade uma espiga densíssima, ramificada na base em 2 ou 3 espigas menores.

Foi descrita originalmente da Ilha de Jamaica. Ocorre hoje na América tropical e África Oriental.

Lineu deu o epíteto de *ligularis* por alusão à presença de lígula, um pequeno apêndice em forma de língua na base das folhas, unindo-a à bainha.

Leg.: H.E.Strang n.º 513. GUA: 2593.

Det.: M.Barros I. 1965.

16 — **CYPERUS MEYENIANUS** Kunth, Enum. 2: 88. 1837.

Família: *Cyperaceae*.

Barros in Descole, Gen. sp. arg. 4 (1): 107, t. 39-B. 1947.
Nome vulgar: piripiri.

Erva perene, cespitosa, de rizoma muito curto. O talo é triangular, liso, algo engrossado na base. A inflorescência é uma antela simples com espigas cilíndricas de 1,5 a 2,5 cm de comprimento, às vezes compostas na base, com 15 a 30 espiguihas laxamente grupadas.

A piripiri é comum em toda a América Tropical mas foi descrita originariamente do Brasil.

Cyperus é o nome que os antigos gregos davam a certas espécies deste gênero de plantas. Kunth deu a esta espécie o epíteto de *Meyenianus* em homenagem ao botânico alemão Franz Julius Ferdinand Meyen (1804-1840), que foi professor de Botânica em Berlim.

Leg.: H.E.Strang n^o 515, GUA: 2595.
Det.: J.P.P.Carauta, 18, X. 1971.

17 — **DIGITARIA SANGUINALIS** (L.) Scop., F. Carn. ed. 2, 1: 52. 1772.

Família: *Gramineae*

Pio-Corrêa 1: 631. 1926.

Hitchcock, Contr. U.S.Nat. Herb. 24 (8): 245. 1927.

Vélez et Overbeek, Pl. indes. 14. 1950.

Atala, Vellozia 1 (4): 174. 1964.

Panicum sanguinale L., Pl. 57. 1753.

Syntherisma sanguinalis (L.) Dulac, Fl. Haut. Pyr. 77. 1867.

Nome vulgar: capim-colchão.

Erva de 40 a 60 cm de altura, muito ramificada na base e com os nós e bainhas pilosos. Inflorescência com 3 ou mais espigas filiformes reunidas na extremidade dos talos. Espiguetas elípticas, agudas e pubescentes.

Quando nova dá uma forragem tenra e delicada, ótima para o gado, recomendável para vacas de leite estabuladas e pastos de animais de montaria, pois forma rapidamente tapetes densos. Na Índia é cultivada para aproveitamento como cereal. Muito procurada, também, pelos pássaros.

Acredita-se que esta gramínea tenha sido cultivada desde a pre-história. Hoje é uma erva daninha comum em terrenos baldios e em lugares onde a vegetação foi alterada pelo homem. Ocorre nas regiões temperadas e tropicais dos dois hemisférios.

Em virtude das espigas estarem dispostas em forma de dedo, no ápice do pedúnculo, recebeu o nome genérico de *Digitaria*; *sanguinalis* refere-se à cor do colmo, que é violáceo-avermelhado.

Leg.: H.E.Strang n^o 514 GUA: 2594.
Det.: M.C.Monteiro 1971.

18 — **ECHINOCHLOA COLONUM** (L) Link, Hort. Berol. 2: 209. 1833.

Família: *Gramineae*

Pio-Corrêa 1: 522. 1926.

Hitchcock, Contr. U.S. Nat. Herb. 24 (8): 476. 1927.

Vélez et Overbeek, Pl. indes. 16. 1950.

Panicum colonum L., Syst. Nat. ed. 10. 2: 870. 1759.

Nome vulgar: capim-de-colônia.

Erva anual das mais comuns, chegado a formar grandes colônias, daí o epíteto da espécie ser *colonum*. O colmo e a base das folhas apresentam às vezes a cor variando de bruno a vermelhada. As espigas se alinham em 4 fileiras, de um só lado do eixo comum.

Vegeta nas regiões secas, todavia prefere os lugares úmidos da faixa litorânea. No Nordeste do Brasil desenvolve-se com notável rapidez.

Fornece forragem e cresce exatamente na época em que espécies de similar aproveitamento não estão desenvolvidas, daí a sua vantagem como forragem. Em algumas regiões da Ásia são preparados bolos feitos com a farinha obtida das sementes.

Originária do Velho Mundo, tornou-se hoje uma espécie cosmopolita-parantrópica.

Echinochloa significa em grego grama-espinhenta.

Leg.: H.E.Strang n^o 518 GUA: 2598.
Det.: C.E.Hubbard III. 1966.

19 — **ECLIPTA ALBA** (L.) Hassk. in Plant. Jav. Rar.: 528.1848.

Família: *Compositae*.

Baker, J.G. in Martius, Fl. Bras. 6 (3): 170-171. 1884.

Meira Penna, Dic. Bras. Medic.: 108. 1941.

Kuhlmann, J.G., Occhioni, P. e Falcão, J.I. de A., Contrib. est.pls.rud.

Brasil — Arq. J.B.R.J. 7: 104-107. 1947.

Barroso, G.M., Flora da cidade do Rio de Janeiro. *Compositae* —

Rodriguésia 33-34: 130-131. 1959.

Gemtchujnicov, L., Chav. pls. dan.: 224-226. 1966/1968.

Verbesina alba L., Sp. Plant. 2: 902. 1753.

Nomes vulgares: erva-de-botão, erva-lanceta, lanceta, surucuima, tangaracá.

Erva anual, ereta, ramosa, pouco pubescente. As folhas são opostas, sésseis, lanceoladas, acuminadas. Os capítulos longamente pedunculados são reunidos em racemos terminais ou são solitários e axilares; as flores são brancas, sendo as marginais, femininas, liguladas; as do disco, cerca de 30-40 ou mais, são tubulosas e hermafroditas. O receptáculo é convexo. Aquênios alongados, subtetrágonos, rugosos, glabros; pápus formado por cordas curtas ou nulo.

Em medicina, é usada nas doenças pulmonares, As folhas cozidas são usadas em doenças da pele.

Eclipta vem do grego ekleipein — ser deficiente. Refere-se à ausência de pappus, ou inaparencia do pappus; *alba* é devido à pubescência.

Área geográfica: Regiões tropicais e subtropicais. Cosmopolita.

Leg.: A.Castellanos n^o 23479 GUA: 1728.
Det.: G.M.Barroso XII. 1963.

20 — **ELEUSINE INDICA** (L.) Gaert., Fruct. sem. pl. 1: 8. 1788.

Família: *Gramineae*

Hackel in Mart., Fl. Bras. 2 (3): 86, t. 24. 1878.

Parodi, Rev. Fac. Agr. Vet. 2: 314. 1919.

Vélez et Overbeek, Pl. ind. 18. 1950.

Cynosorus indicus L. Sp. pl. ed. II: 106. 1962. 1926-63.

Nomes vulgares: capim-pé-de-galinha, pé-de-papagaio.

Erva anual, cespitosa, de 20 a 50 cm de altura. Colmo comprimido, glabro, sub-erecto, com a base nodosa. Folhas alternas, longas de 10-30 cm de comprimento. Bainhas abertas com pelos brancos no bordo até a parte superior. Espigas flexíveis, em número de 2 a 10, lineares, subverticiladas na extremidade dos talos, com uma espiga quase sempre destacada a 2 cm abaixo

do verticilo terminal. Ráquis achatado. Espiguetas densamente imbricadas, dispostas em 2 séries e fazendo ângulo agudo com o ráquis da espiga.

É uma espécie invasora das terras cultivadas, crescendo também em terrenos arenosos e argilosos à beira de estradas. Considerada como grama forrageira de mediana qualidade. As espiguetas são comestíveis. Dada a facilidade de propagação da espécie, que é cosmopolita tropical, torna-se difícil a indicação exata do seu centro de dispersão.

Eleusine é uma derivação mitológica de Eleusis, cidade grega onde existia um templo de Ceros onde se celebravam as festas eleusíneas; *indica* é uma indicação da suposta origem asiática para a espécie.

Leg.: H.E.Strang n^o 445. GUA: 1760.
Det.: C.E.Hubbard.

21 — **ERAGROSTIS CILIARIS** (L.) Link, Hort. Berol. 1: 192. 1827.

Família: *Gramineae*

Pio-Corrêa, Dic. 1: 541. 1926.

Hitchcock, Contr. U.S.Nat. Herb. 24 (8): 336. 1927.

Poa ciliaris L., Syst. ed. 10. 875. 1759.

Nome vulgar: capim-de-rola

Erva anual, cespitosa, isto é, da mesma raiz nascem vários colmos que são lisos, de até 15 cm de altura, com os nós escuros. Inflorescência com as ramificações curtas.

Dá uma forragem de boa qualidade, entretanto, raras vezes é encontrada em quantidade suficiente para formar uma pastagem útil. Vegeta em terrenos arenosos, taperas e até nas ruas.

É originária da África Austral mas ocorre hoje nas regiões tropicais de baixas altitudes em ambos os hemisférios.

Eragrostis vem do grego *Eros*, amor; e *agros* campo; uma alusão à elegância das espigas.

Leg.: H.E.Strang n^o 440 GUA: 1754.
Det.: C.E.Hubbard.

22 — **ERECHTITES HIERACIFOLIA** Rafin. in DC. Prodr. 6: 294. 1837.

Família: *Compositae*.

Baker, J.G. in Mart. Fl. Bras. 6 (3): 298-299. 1884.

Pio-Corrêa, Dic. 2: 96. 1931.

New Britton et Brown, Illustr. Fl. 3: 404, fig. pág. 405. 1958.

Barroso, G.M., Rodriguésia 33 e 34: 143-144. 1959.

Nomes vulgares: caramuru, caruru-amargoso (Brasil), achicoria-de-cabra (Antilhas Espanholas), fire-weed (U.S.A.), tabaquilo (Panamá), té-del-diablo (El Salvador).

Erva anual de caule grosso, ereto, multissulcado. Folhas alternas, lanceoladas, membranáceas, irregularmente denteadas; algumas vezes irregularmente lobadas, as medianas pinatífidas, as inferiores subpecioladas, oblanceoladas ou abovadas e as superiores cordato-amplexicaules. Os capítulos são reunidos em corimbos terminais e axilares; o involúcro é unisseriado. As flores do disco são hermafroditas, tubulosas; as marginais são femininas e têm corola estreita também tubulosa. O fruto é um aquênio cilíndrico, 10 - costado; pápus branco. A raiz é fibrosa.

Erechtites — nome dado por Dioscorides a algumas tasneiras, entretanto a espécie mais conhecida vulgarmente por tasneira é *Seneciojacobaca* L.; *hieracifolia* — com folhas de *Hieracium*.

Área geográfica: América tropical e subtropical. Introduzida na Europa.

Leg.: A.Castellanos n.º 23466 GUA: 1742.
Det.: G.M.Barroso VIII. 1964.

23 — **EUPHORBIA BRASILIENSIS** Lamarck, Encycl. 2: 423. 1786.

Família: *Euphorbiaceae*

Kuhlmann et alii., Arch.Jard.Bot. 6: 122. 1933.

Nome vulgar: erva-andorinha.

Planta herbácea de caule sub-erecto, purpúreo. As folhas são opostas, oval-lanceoladas ou elípticas, com pequenas estípulas. Inflorescências em cimeira, sendo as masculinas providas de 2 a 4, esverdeadas. O fruto é uma pequena cápsula com sementes elipsóides e rugosas.

A erva-andorinha é cosmopolita, mas parece ser originária da América.

Leg.: A.Castellanos n.º 23468. GUA: 1744.
Det.: M.Emmerich, XII. 1971.

24 — **EUPHORBIA SERPENS** HBK, Nov. Gen. et. Sp. 2: 52. 1817.

Família: *Euphorbiaceae*

Pio-Corrêa, Dic. 1: 347. 1926.

Nomes vulgares: erva-de-cobra, quebra-pedra.

Erva rasteira, glabra, de caules filiformes, prostrados e ramosos. Folhas diminutas, ovado-orbiculares, inteiras, opostas e providas de estípulas interpeciolares. Flores dispostas em cimeiras e protegidas por pequenos involúcros axilares. O fruto é uma cápsula.

Como planta medicinal é conhecida por ser diurética, drástica e hidragoga, útil no combate a úlceras atônicas.

É originária da América Boreal, mas hoje acha-se espalhada pela América tropical, desenvolvendo-se perto das habitações humanas, à beira de estradas e até nas calçadas, aproveitando a rachadura da pavimentação urbana para desenvolver um tufo de folhas com 5-10 cm de diâmetro, como pode ser observada nas ruas próximas ao Aeroporto Santos Dumont, no Rio de Janeiro.

Leg.: H.E.Strang, n.º 449 GUA: 1805.
Det.: Margarete Emmerich, 6. IX. 1971.

25 — **IPOMOEA ACUMINATA** (Vahl) Room. et Schult., Syst. 4: 228. 1819.

Família: *Convolvulaceae*

Meissner in Mart., Fl. Bras. 7: 225. 1869.

O Donell Lilloa 29: 134. 1959.

Convolvulus acuminatus Vahl, Symb. Bot. 3: 26. 1794.

Nome vulgar: campainha-azul.

Trepadeira com os ramos pubescentes. Folhas ovadas a suborbiculares, inteiras, de base cordada e com aurículas arredondadas, ápice agudo ou acuminado. Cimeiras com várias flores azuis, que passam depois a violáceas. O fruto é uma cápsula subglobosa com sementes negras, tomentosas.

A espécie é originária da Austrália e tornou-se hoje pan-tropical. No Brasil cresce como planta viária e também é cultivada em jardins devido à beleza das suas flores azuis.

Ipomoea vem do grego e significa "parecido com uma lagarta", devido ao modo de crescimento do caule.

Acuminata diz respeito à forma das folhas.

Leg.: H.E.Strang n^o 441 GUA: 1757.
Det.: J.Falcão 26. X. 1970.

26 — **LEPIDIUM RUDERALE** L., Sp. Pl. 645. 1753, non Burm. f.

Família: *Cruciferae*.

Kuhlmann et alii, Arch. Jard. Bot. 6:93. 1933.

Gemtchujnicov, Chav. pl. dan. 33. 1968.

Nome vulgar: mastruço.

Erva ou sub-arbusto glabro ou levemente pubescente, de caule muito ramificado, de 1 a 6 cm de altura.

Folhas alternas, curto pecioladas, pinatissectas, sendo as inferiores rosuladas e as superiores alternas e lineares, sésseis ou amplexicaules. Inflorescência em ráculos no ápice dos ramos, ostentando flores pequenas e brancas. O fruto é uma siliqua bilocular, de forma arredondada-achatada, de ápice inciso, aparecendo na parte inferior do ráculo. As sementes são achatadas, pontudas, de cor vermelha, (mesmo depois de secas), e de margem amarelada.

Algumas pessoas comem os frutinhas com a idéia de curarem "mal de fígado". Eles são bastante picantes ao serem mastigados. As raízes são aromáticas e têm forte cheiro de iodo.

O nome *Lepidium* é derivado do grego e alude à forma achatada do fruto.

Originário do velho mundo, o "mastruço" acha-se hoje espalhado por todos os continentes.

Leg.: A.Castellanos, n^o 23481 GUA: 1727.
Det.: J.P.P.Carauta. 17. XI. 1971.

27 — **MALVASTRUM COROMANDELIANUM** (L.) Garcke in Bonplandia v. 295. 1857.

Família: *Malvaceae*.

Schumann, C. in Mart., Fl. Bras. 12 (3): 268-270, Tab. 53. 1891.

Fawcett, W. and Randle, A.B., Fl. Jamaica 5 (3): 104-105. 1926.

New Britton & Brown, Illustr. Flora 2: 529. 1952.

Krapowickas, A., Lilloa 28: 188-190. 1957.

Gemtchujnicov, I., Chave pls. dani.: 85. 1968.

Malva coromandeliana L., Sp. Plant. 2: 687. 1753.

Nome vulgar: vassourinha.

Sub-arbusto perene, ramoso, piloso, estipulado, estrípulas filiformes ou lanceoladas. Fôlhas ovais, pecioladas, com bordo crenado-serrilhado, pilosas em ambas as faces, de tamanho e proporções variáveis. Flores axilares, solitárias, quase sésseis, híspidas; cálice e cálculo cobertos de pêlos; corola amarelo-clara. Na axila de uma flor e da folha pode nascer uma raminha florífera de entre-nós curtos e folhas muito pequenas. O fruto é um esquizocarpo, com 10-15 mericarpos indeiscentes, aristados. Sementes peniformes, glabras.

Malvastrum significa: como *Malva*; *coromandelianum* — por ter sido descrita originalmente para Coromandel — Nova Zelândia.

É muito mucilagínosa, sendo usada na Jamaica pelos nativos, como um substituto do sabão.

Área geográfica: Apesar de ser largamente distribuída nas regiões tropicais e subtropicais do mundo, sua origem parece ser americana. Cosmopolita e viária.

Leg.: H.E.Strang n^o 440 GUA: 1755.
Det.: H. da Costa Monteiro F^o 1971

28 — **NICOTIANA GLAUCA** Grah. in Bot. Mag. t. 2837.

Família: *Solanaceae*

Sendtner, O. in Mart., Fl. Bras. 10: 170. 1846.

Pio-Corrêa, Dic. 2: 348. 1931.

Enciclop. Arg. de Jardineria : 762.

Nomes vulgares: charuto-do-rei (Brasil), palán-palán (Argentina e Uruguai), accus-mussa ou bastão-de-moisés (Tripolitânia), almorrãnera (Venezuela), Buena Moza, Don Juan, Palavirgem, Tabaco-amarelo e Virginia (México).

Arbusto ou arvoreta, glabro (exceto as flores), muito ramificado, ramos ascendentes e glaucos. Folhas longamente pecioladas, glaucas, ovais, inteiras, sub-carnosas. As flores são grandes, frequentemente pêndulas e ficam dispostas em amplas panículas terminais; a corola é tubulosa, branco-esverdeada ou amarela, pubescente. O fruto é uma cápsula 2 — locular, ovóide, com menos de 1 cm de largura.

Nicotiana homenageia Jean Nicot (1530-1600), diplomata francês em Portugal, que obteve o tabaco (*Nicotiana tabacum* L.) de um mercador belga, presenteando-o então à corte de Portugal e mais tarde à Rainha Catarina de Médici. *Glauc*a refere-se à cor das folhas e flores dessa bela espécie de *Solanaceae*.

É tida como muito venenosa, mas as folhas são usadas em cataplasmas, tendo efeito sedativo.

Área geográfica: Sua origem é sulamericana (Andes), mas é largamente cultivada com fins ornamentais nas regiões tropicais e subtropicais do mundo.

Leg.: H.E.Strang n.º 520 GUA: 2600

Det.: M.C.Vianna 1971.

29 — **NICOTIANA TABACUM** L., Sp. Plant. I: 180. 1753.

Família: *Solanaceae*

Sendtner, O. in Mart., Fl. Bras. 10: 166. 1846. (sub *N. tabacum* L.

var *subcordata* et *undulata* Sendtn.)

Meira Penna, Dic. Bras. Pls. medic.: 204-205. 1941.

Pio-Corrêa, Dic. 2: 349-356. 1952.

Smith, L.B. & Downs, R.J. in Fl. Illustr. Catarin. Solanáceas: 248-249. 1966.

Gemtchujnicov, I., Chave pl. dan.: 161. 1966/1968. fig. 29.

Nomes vulgares: erva-de-portugal, erva-de-santa-cruz, erva-do-grão-prior,

erva-para-tôdas-as-moléstias, erva-sagrada, erva-santa, fumo, petema,

petima, petum (nome tupi), petume, pitura, tabaco.

Sub-arbusto ou erva, geralmente anual, robusta, podendo atingir 3 m de altura, glandulosa-pilosa. Folhas ovais, elípticas ou lanceoladas, acuminadas, decorrentes, sésseis, amplexicaules. As flores estão em panículas terminais e axilares. Têm corola tubulosa, dilatada para cima, rósea até vermelha ou esverdeada; limbo 5 dentado-acuminado. O fruto é uma cápsula oblonga, sendo o cálice persistente; as sementes são numerosas e pequenas.

Em medicina as folhas foram usadas como narcótico.

Nicotiana — ver espécie anterior; *tabacum* é nome indígena americano.

Área geográfica: Segundo Goodspeed é provavelmente natural da América do Sul (NE da Argentina e Bolívia). É largamente cultivada em todas as regiões tropicais e sub-tropicais do mundo, exigindo solos férteis ou convenientemente adubados.

Leg.: H.E.Strang n.º 519. GUA: 2599.

Det.: M.C.Vianna 1971.

- 30 — **PANICUM MAXIMUM** var. **MAXIMUM** Jacq., Ic. Pl. Rar. 1:t. 13. 1781-86;
Coll. 1:76. 1786.
Família: *Gramineae*
Pio-Corrêa, Dic. 525. 568. 1926.
Silva, Vellozia 7: 3. 1969.
Nomes Vulgares: capim-guiné, capim-navalha, capim-colonião, murubu.

Erva de colmos erectos, geralmente hirsutos, formando enormes touceiras de até 3 m de altura. Os nós são pubescentes e as bainhas de piloso-hirsutas a glabras. Filódios de 30-75 cm de comprimento e até 3,5 cm de largura. A inflorescência é uma panícula esverdeada mais comumente desenvolvida de julho a setembro. O rizoma é curto e duro.

Originária da África, encontra-se hoje naturalizada nas regiões tropicais americanas e de baixa altitude. É considerada uma boa forragem para o gado e por isso vem sendo largamente cultivada em nosso país. Para as florestas que constituem a paisagem do Rio de Janeiro é uma planta daninha de difícil erradicação, devido à facilidade com que se queima anualmente. Grande parte de toda a mata do Pão de Açúcar e de outras montanhas cariocas já foi substituída por esta erva africana, que a cada ano vai ganhando mais terreno. As sementes são avidamente procuradas por inúmeros pássaros, entre eles os bico-de-lacre, também vindos da África.

Panicum é um antigo nome latino de planta.

Leg.: H. Strang n° 512 GUA: 2554.
Det.: S.A. Ferreira da Silva 25. VIII. 1971.

- 31 — **PLUCHEA SAGITTALIS** (Lam.) Cabr. in Bol. Soc. Argent. Bot. 3: 36. 1949.

Família: *Compositae*

Baker, J.G. in Martius, Fl. Bras. 6 (3): 106. 1882. (sub *P. quitoc* DC.)

Meira Penna, Dic. Bras. Medic.: 234. 1941.

Arens, K. et alii, Inst. Nac. Pesq. Amaz. Bot. 7: 1-14, 16 tab.

Barroso, G.M. Rodriguésia 33 e 34: 137. 1959.

Conyza sagittalis Lam., Encyc. 2: 94. 1788.

Pluchea suaveolens (Vell.) O. Kuntz, Rev. Gen. Plant. 3. 2: 168. 1898.

Nomes vulgares: caculucage, gaculucage, madre-cravo, quitocó, quitoco, tabacarana, tupinico (Brasil), quitoc (Argentina), arnica, lusera, yerba lusera (Uruguai).

Erva perene, ereta com ramos alados; folhas glanduloso-pubescentes, sésseis, decorrentes, membranáceas, serreadas. Capítulos multiflores, achatados, brancos, em corimbos terminais, frouxos; as flores femininas são filiformes, em muitas séries, as masculinas são muitas, centrais, com corola lilás, involúcro campanulado, largo. Os aquênios são glabros, costados; pápus alvo com cerdas flexuosas, persistentes.

Suas principais aplicações em medicina são: carminativo, estomacal, contra a histeria, febrífugo, sedativo. É planta aromática.

Pluchea é uma homenagem ao Abbé Pluché (1688-1761).

Área geográfica: América do Sul: Argentina, Brasil.

Leg.: A. Castellanos n° 23469. GUA: 1745.
Det.: G.M. Barroso XII. 1963.

- 32 — **POROPHYLLUM RUDERALE** Cass., Dict. 43: 56. 1826.

Família: *Compositae*

Baker, J.G., in Mart., Fl. Bras. 6 (3): 282. 1884.

Pio-Corrêa, Dic. 2: 419. 1931.

Maria Penna, Dic. Bras. Pls. Med.: 237-238. 1941.

Barroso, G.M., Rodriguésia 33 e 34: 139. 1969.

Gemtchujnicov, Chav. pl. dan. 275. 1968.

Nomes vulgares: couvinha, couve-cravinho, cravo-de-urubu (Ceará), erva-couvinha (Brasil), yerba-porosa (P. Rico).

Erva anual, ereta, glabra, ramosa. Folhas alternas, obtusas, longamente pecioladas, inteiras, às vezes crenuladas, verde-azuladas, com células oleíforas, que lhe dão um odor forte e desagradável. Capítulos solitários ou corimbos terminais frouxos, involúcro 5-bracteado, brácteas lanceoladas, também com células oleíferas; flores branco-amareladas ou verde-amareladas, todas hermafroditas, tubulosas. Aquênio fusiforme, áspero; pápus branco com cerdas ciliadas.

Em medicina é tido como de ação diaforética e calmante.

Porophyllum — com poros nas folhas.

Área geográfica: América tropical. Ruderal.

Leg.: A.Castellanos n^o 23478. GUA: 1766.

Det.: G.M.Barroso XII. 1963.

33 — **PORTULACA OLERACEA** L., Pl. 44. 1753.

Família: *Portulacaceae*

DC, Prodrômus 3: 353. 1868.

Fawcett et Rendle, Fl. Jam. 3: 169, t. 63. 1914.

Pio-Corrêa, Dic. 1: 293. 1926.

Kuhlmann et al., Arch. Jard. Bot. 6: 70. 1933.

Vélez et Overbeek Pl. indes. 136. 1950.

Bailey, Man.cult.pl. 365. 1961.

Atala, Vellozia 1 (4): 172. 1964.

Nomes vulgares: beldroega, ora-pro-nobis.

Erva prostrada, de caule verde-rosado ou avermelhado, muito ramificado, glabro, suculento. As folhas são espatuladas ou oval-cuneadas, muito carnosas e quebradiças, sem nervuras visíveis, alternas ou sub-opostas, sésseis, às vezes com os bordos avermelhados. Flores amarelas ou alaranjadas, terminais ou axilares, corola com 3 pétalas e provida de 5 brácteas membranáceas, pequenas, oval-acuminadas ou espatuladas. O fruto é uma cápsula oval, provida de numerosas sementes, raiz-mestra profunda, grossa e ramificada.

As folhas novas e os brotos podem ser comidos cozidos ou crus, em saladas. Os caules e as folhas são diuréticos e sobretudo vermífugos. Resistem às mais prolongadas secas e são encontradas como ruderais e viárias. A espécie é originária da Índia e daí passou à Europa e depois ao resto do mundo. Há provas de haver sido cultivada desde a mais remota antiguidade.

Portulaca é o antigo nome latino da espécie, mas tem uma origem etimológica grega que alude às propriedades purgativas que se lhe atribuem.

Leg.: H.E.Strang, n^o 438 GUA: 1753.

Det.: D.Légrand, XI. 1971.

34 — **RHYNCHELYTRUM REPENS** (Willd.) Hubbard; Kew Bull. 110. 1934.

Família: *Gramineae*

Pio-Corrêa, Dic. 1: 555. 1926.

= *Saccharum repens* Willd., Sp. Pl. 1: 322. 1797.

Nome vulgar: capim-favorito.

Erva cespitosa, isto é, da mesma raiz nascem vários colmos que são um tanto geniculados, (dobrados em forma de joelho), na parte inferior. Lígula formada por uma orla de pêlos sedosos. Filódio linear lanceolado, recurvado no ápice, glabro. A inflorescência é uma panícula composta, erecta, com espiguetas rosado-violáceas, pequeninas e revestidas de pêlos sedosos. O conjunto das espigas floridas dá uma beleza peculiar à paisagem campestre.

É considerada pelos técnicos do Instituto Agrônomo de Campinas como uma das melhores plantas forrageiras, apesar de sensível ao pisoteio de gado. Na Florida (EUA) é utilizada como adubo verde nas plantações de abacaxi, e como forragem para os suínos. As inflorescências servem para enchimento de travesseiros e almofadas.

Originária da África, foi introduzida no Brasil no final do século passado, propagando-se de tal maneira que hoje vegeta por todo o país, chegando mesmo a invadir os terrenos cultivados.

Leg.: A.Castellanos, n^o 23477. GUA: 1765.

Det.: C.E.Hubbard, III. 1966.

35 — RICINUS COMMUNIS L., Sp. Pl. 1007. 1753.

Família: *Euphorbiaceae*

Vélez et Overbeek, Pl. ind. 234. 1950.

Gemtchujnicov, Chav. pl. dan. 275. 1968.

Nomes vulgares: mamona, rícino.

Arbusto com os nós e entrenós bem visíveis nos ramos. Perto do broto terminal a epiderme adquire uma coloração azulada enquanto que o pecíolo e as folhas novas variam de vermelho-violáceo a verde-avermelhado. A lâmina foliar é digitado-lobada; os lobos são em número de 5-10, ovado-acuminados, desiguais, com a margem serrilhada ou denteada.

Inflorescência em racemos amplos e erectos, floríferos desde a base, onde crescem as flores femininas, ficando as masculinas no ápice. O fruto é uma cápsula orbicular, globoso-ovada, trícoca de 2 cm de comprimento, munida de excrecências longas, ponteagudas, algumas vezes recurvadas como ganchos. Sementes carunculadas, escuras, achatadas e com desenhos irregulares bem claros.

As folhas são usadas em cataplasmas para casos de inchaço e dores nevralgias. Das sementes extrai-se o óleo de rícino comercial.

Cresce nas regiões tropicais de todo o mundo. No Brasil pode ser vista facilmente em culturas abandonadas, perto de estradas recém-abertas e nos terrenos baldios.

Leg.: H.E.Strang n^o 445 GUA: 1761

Det.: Margarete Emmerich 5. IX. 1971.

36 — SESBANIA MARGINATA Benth. in Mart., Fl. Bras. 15 (1): 43, tab. 7. 1859.

Família: *Leguminosae* — *Faboideae*

Malme, G.O.A.:N., Ex Herbario Regnelliani Adjumenta ad floram phanerogamicam

Brasileae terrarumque adjacentum cognoscendam. 3. — Bih. Svenska Vet. Akad.

Handl. 25. 3. n. 11: 5-6: 1900.

Arbusto de 1-2 m de altura, tronco reto, casca fina, lisa, ramos longos, bastante delgados, erectos. As folhas são compostas, folíolos 12-20 jugos. As flores, que são amarelas, estriadas, estão em racemos multiflores, axilares; cálice angulado-dentado. O fruto é um legume estipitado, grosso, tetragono, com sutura largamente marginada ou estreitamente bialada, sub-moniliforme, com 6-8 sementes.

Sesbania vem de Sesban, nome em árabe da *S.aegyptica* Poir.; *marginata* faz referência à característica morfológica do legume.

Área geográfica: América do Sul: Paraguai, Argentina, Uruguai e Sul do Brasil. Cresce geralmente isolada em campos gramíneos sub-úmidos.

Leg.: A.Castellanos nº 23473. GUA: 1749.
Det.: H.de F.Leitão Fº XI. 1971.

37 — SETARIA GENICULATA (Lam.) Beauvois, Agrost. 51. 1812.

Família: *Gramineae*

Hitchcock, Contr. U.S.Nat. Herb. 24 (8): 478. 1927.

Kuhlmann, Gram. 80. 1948.

Vélez et Overbeek, Pl. indes. 32. 1950.

Gemtchujnicov, Chav. pl. dan. 275. 1968.

= *Panicum geniculatum* Lam., Encycl. 4: 727. 1798.

= *Chaetochloa geniculata* (Lam.) Milss. et Chase, Field. Mus.Bot. 3:337. 1903.

Nomes vulgares: capim-rabo-de-gato, capim-rabo-de-raposa.

Ervas de colmos múltiplos, finos, geniculados-ascendentes, glabros, com os nós escuros e pubescentes. Bainha foliar comprida, arroxeadas, maior do que o entrenó. Lâmina linear-lanceolada, provida de pêlos compridos e esparsos em sua superfície. Espigas cilíndricas, amarelo-pálidas, rufescentes (em forma de esponja de lavar garrafas), de 4-10 cm de comprimento, amarelo-esverdeadas ou vermelho-violáceas, com pedúnculo longo. Espiguetas sub-sésseis, ovalado-agudas, rodeadas por 3-6 cerdas ásperas, persistentes, duas a quatro vezes mais compridas do que as espiguetas. O rizoma é curto e com abundantes raízes fasciculadas.

Fornece ótima forragem para o gado. Cresce em terrenos abandonados e campos da América tropical e sub-tropical. Foi descrita originalmente de um exemplar oriundo do México.

Setaria vem do latim *seta* e alude à forma de espiga; *geniculata* diz respeito ao aspecto dos colmos que são geniculados.

Leg.: H.E.Strang, nº 451 GUA: 1855. et 516 GUA: 2596.
Det.: C.E.Hubbard III. 1966.

38 — SIDA CARPINIFOLIA L. f. Suppl.: 307. 1781.

Família: *Malvaceae*.

Saint-Hilaire, A., Pl. usuel. Brasil.: tab. 50. 1824.

Grisebach, A.H.R., Fl. Br. West Indian Isl. 73. 1864.

Schumann, C. in Mart., Fl. Bras. 12 (3): 325-328. 1891. (sub *S.acuta* Burm.).

Fawcett, W. and Rendle, A.B., Fl. Jamaica 5 (3): 119. 1926. (sub *S.acuta* Burm.).

Meira Penna, Dic. Bras. Pls. Medic.: 261. 1941.

Vélez, I.y Overbeek. J. van, Pls. indes. cult. trop.: 254-255. 1950.

Nomes vulgares: vassoura, tupitcha (guarani), escoba, escoba-blanca, escobita-dulce (P. Rico), wire-weed (inglês).

Sub-arbusto ramoso, pouco pubescente. As folhas são alternas, oval-oblongas, pecioladas, pecíolo pubescente, mais ou menos acuminadas, serreadas, quase glabras. Estípulas dimorfas, glabras. As flores são pedunculadas, pedúnculos pubescentes, axilares, solitárias, geminadas ou dispostas em fascículos; o cálice é campanulado, pubescente, fendido até o meio em 5 segmentos oval-lanceolados; pétalas 5, amarelas, alternas com as divisões do cálice. O fruto é um esquizocarpo, com 8 carpódios terminando cada um por duas pontas agudas.

Sida é o nome grego antigo de *Nymphaea alba* L., usado por Theophrastos; *carpinifolia* — com folhas de *Carpinus* (*Betulaceae*).

Em medicina é usada pelos homeopatas em doenças pulmonares. É uma planta com ação emoliente, bastante mucilaginosa.

É usada no interior para fazer vassoura, costume talvez herdado dos índios.

Área geográfica: América tropical e subtropical. Sua origem parece ser brasileira. Ruderal e viária.

Leg.: H.E.Strang n^o 443 GUA: 1759
Det.: H.da Costa Monteiro F^o 1971.

39 — SIDA RHOMBIFOLIA L. var. CARNARIENSIS (Willd.) Gris., Fl. Brit. W. ind. Isl.: 74. 1864.

Família: *Malvaceae*

Schumann, C. in Mart., Fl. Bras. 12 (3): 337-341, tab. 63. 1891.

DC., Prodr. 1: 462. 1824. (sub-*S.canariensis* Willd.)

Sida rhombifolia L. Sp. Plant. II: 684. 1753.

Sida canariensis Willd., Spec. pl. 3: 755.

Nomes vulgares: chá-inglês (Brasil), guaxima, guaxuma, vassoura, vassourinha, tebincha (Argentina), faux-thé=falso-chá (Is.Maurício), limpon (Peru).

Erva ou subarbusto, perene, pubescente. Folhas discolors, glabras, oblongas ou oblongo-rombóides, ápice rotundo espiraladas, pecioladas. Flores terminais e axilares, solitárias ou em umbelas pequenas; corola amarelo-pálida. Carpídios 7-10, trifacetados, deiscentes quando maduros, brevemente bi-aristados ou bi-corniculados.

É planta forrageira.

Sida — ver espécie anterior; *rhombifolia* — devido à forma das folhas; *canariensis* — descrita originalmente para as Ilhas Canárias.

Área geográfica: América tropical e sub-tropical (variedade). Ruderal. A espécie tem uma distribuição bem mais ampla: regiões tropicais e subtropicais do mundo.

Leg.: H.E.Strang n^o 453 GUA: 1757.
Det.: H. da Costa Monteiro F^o 1971.

40 — SIDA SPINOSA L. var. ANGUSTIFOLIA (Lam.) Gris., Fl. Brit. W. ind. Isl.: 74. 1864.

Família: *Malvaceae*

Schumann, C. in Mart., Fl. Bras. 12 (3): 297-300. 1891.

Schumann, C. in Engl. u.Pr., Nat. Pflanzenf. 3.6.: 43: 1895.

Monteiro F^o, H.da C., Mon.Malv., I. O género *Sida*: 39-40, tab.5 1936.

S.spinosa L.Sp. Pl.: 683. 1753.

S.angustifolia Lam., Dict.1: 4. 1783.

Sub-arbusto ou erva, perene, pubescente. Folhas lanceolado-lineares ou lanceoladas, acuminadas, margem serreada, pecioladas, discolors, glaucas embaixo; base do pecíolo com um tubérculo espinoso atrás. Flores axilares, sub-solitárias ou em fascículos, pediceladas, pétalas amarelo-pálidas. Carpídios 5-8, bi-rostrados, pilosos em cima.

Tem ação emoliente.

Sida — ver *S.carpinifolia* L.f.; *spinosa* — devido à característica morfológica do pecíolo foliar; *angustifolia* — folhas estreitas.

Área geográfica: América tropical e subtropical (variedades). A espécie tem uma distribuição bastante ampla: regiões tropicais e subtropicais do mundo.

Leg.: A.Castellanos n^o 23463. GUA: 1739.
Det.: H.da Costa Monteiro F^o 1971.

41 — **SIEGESBECKIA ORIENTALIS** L. Spec. Plant. 2: 900. 1753.

Família: *Compositae*

Baker, J.C. in Mart. Fl. Bras. 6 (3): 166. 1884.

Kulmann, J.G., et alii Arg. Jard. Bot. 7:109. 1947.

New Britton & Brown, Illustr. Flora 3: 342. 1952. fig. pág. 343

Barroso, G.M. Rodriguésia 33 e 34: 133-134. 1969

Erva ou sub-arbusto, anual, erecto, não atingindo 1 m de altura, pubescente, bastante ramificado, com ramos trifurcados no ápice; folhas opostas, deltóides, de margem denteada. As flores estão em capítulos dispostos em corimbos terminais, bastante frouxos. O involúcro é duplo. As brácteas involucrais têm pêlos glandulosos. As flores liguladas (amarelas), são 6 e femininas; as do disco são 11, hermafroditas, tubulosas. O receptáculo é plano. O fruto é uma aquênio glabro, negro, sem pápus.

Siegesbeckia homenageia Siegesbeck, J.G. (1686-1755), físico e botânico de Leipzig, diretor do Jardim Botânico de São Petesburgo. O epíteto específico se deve a ter sido descrita por Linneu, para a China.

Área geográfica: Regiões tropicais (ruderal).

Leg.: H.E.Strang n.º 456. GUA: 1860.

Det.: G.M. Barroso XII. 1963.

42 — **SOLANUM AMERICANUM** Mill., Gard. Dict. ed: 8, no.5. 1768.

Família: *Solanaceae*

Sendtner, O. in Mart. Fl. Bras. 10: 16-17. 1846 (sub *S.nigrum* L.).

Smith, L.B. e Downs, R. in Fl. Illustr. Catarin. Solanáceas: 55-57. 1966.

S.nigrum sensu Sendtner in Mart. Fl. Bras. l.c.

S.nigrum L.var *americanum* O.E.Schlz in Urb. Symb. Ant.6: 160. 1909.

Nomes vulgares: Erva-moura, erva-de-bicho, pimenta-de-cachorro, pimenta-de-rato, pimenta-de-galinha (Bahia), guaraquinha, aguaragua, aguaraguá, caraxixu, caraxixá, araxixu, maria-pretinha.

Erva anual, não ultrapassando 2 m de altura, glabra ou ligeiramente pubescente. Caule ereto, roliço até anguloso, fortemente ramificado. Folhas geralmente aos pares, pecioladas, ovadas ou oblongo-elípticas, agudas ou acuminadas, pubescentes; margem inteira ou sinuoso-denteada. As flores que são poucas e pediceladas, formam inflorescências extra-axilares, umbeladas, pedunculadas. A corola é branca. O fruto é uma baga globosa, quase negra, brilhante quando madura. O sistema radicular é axial.

Como medicinal é citada como anti-inflamatória.

Solanum é antigo nome latino. Segundo alguns autores, se origina de "solamen" — consolo, alívio, fazendo talvez alusão à propriedades calmantes de algumas espécies.

Área geográfica: Regiões tropicais e subtropicais do Novo Mundo.

Leg.: A.Castellanos n.º 23472 GUA: 1748.

Det.: L.B.Smith XI. 1971.

43 — **SOLANUM PANICULATUM** L., Sp. Plant. ed. II: 267. 1762

Família: *Solanaceae*

Sendtner, O. in Mart. Fl. Bras. 10: 80, tab. 5, figs. 62-65. 1846, fora da var. B.

Smith, L.B. e Downs, R.J. in Fl. Illustr. Catarin. Solanáceas. Itajaí: 160-163.

Germtchujnicov, I., Chave pls. dani 158-159. 1966:1968.

Solanum jubeba Vell. Fl. Flum.: 89. 1829 (1825); Icon. 2: t. 124. 1835.

Nomes vulgares: jurubeba, jurubeba-verdadeira, jurupeba, juribeba, jupeba, jurubebinha.

Arbusto ou árvore baixa, com cerca de 3 m de altura. Ramos alvo-tomentosos, armados de espinhos robustos. As folhas são solitárias pecioladas, oblongas, agudas, inteiras até profundamente lobadas, bicolores (face inferior com tomento alvo, superior glabra), às vezes com alguns espinhos finos. As inflorescências são terminais, passando a laterais, subcorimbosas, bastante ramosas, pedunculadas; possuem muitas flores pediceladas, com cálice alvo-tomentoso e corola arroxeada internamente e alvo-tomentoso externamente. O fruto é uma baga globosa, amarelada.

Solanum — vide espécie anterior. *Paniculatum* se refere à forma da inflorescência.

Como medicinal é largamente usada em chá (folhas, frutos e raiz), para as doenças do fígado, diabetes e icterícia.

Área geográfica: Brasil (Ceará até Rio Grande do Sul).

Leg.: H.E.Strang n^o 455. GUA 1859.
Det.: L.B.Smith XI. 1971.

44 — **SONCHUS OLERACEUS** L., Sp. Plant. 2: 794. 1753.

Família: *Compositae*

Baker, J.G. in Mart., Fl. Bras. 6 (3): 335. 1884.

New Britton & Brown, Illustr. Flora 3: 534.

Barroso, G.M., Flora da cidade do Rio de Janeiro. *Compositae*.

Rodriguésia 33/34: 146. 1959.

Gentchujnicov, I., Chave artif. pls. dan.: 234. 1966/1968.

Nomes vulgares: chicórea-brava, serralha, serralha-brava, serralheira.

Erva anual, ereta, glabra, com canais lactíferos. Folhas profundamente partidas com segmentos dentados, atenuando-se na base semiamplexicaule, sendo as superiores sésseis, de margem agudo-dentada. As flores são liguladas, amarelas, hermafroditas e estão reunidas em capítulos pedicelados, dispostos em corimbos frouxos. O aquério é comprimido, pluricostado, com costas denticuladas; pápus de pêlos simples, brancos, sedosos.

É comestível, como o nome específico diz. Em medicina é usado o cozimento, como antibilioso e estomáquico, para curar dores de cabeça e é tido como purificador do sangue.

Sonchus vem do grego *sonchos* — planta de folhas fistulosas moles. Foi usado por Teofrastos.

Área geográfica: É originária do Velho Mundo, mas se aclimatou muito bem nas regiões tropicais e subtropicais de todo o mundo. Ruderal.

Leg.: H.E.Strang n^o 517 GUA: 2597.
Det.: G.M.Barroso XII. 1963.

45 — **TRICHACHNE INSULARIS** (L.) Nees, Agrost. Bras. 86. 1829.

Família: *Gramineae*.

Pio-Corrêa, Dic. 1: 625. 1926.

Hitchcock, Contr. U.S.Nat. Herb. 24 (8): 424. 1927.

Vélez et Overbeek, Pl. indes. 36. 1950

= *Andropogon insularis* L., Syst. Nat. ed. 10. 2: 1304. 1759.

= *Panicum lanatum* Rottb., Act. Lit. Univ. Hafn, 1: 269. 1778.

Nomes vulgares: erva-de-raposa, capim-sororó.

Erva perene e cespitosa. O cacho da inflorescência é composto de espiguihas de pêlos largos, finos e suaves, todos de cor esbranquiçada. Entre-nós longos.

Propaga-se por rizomas mas quando cresce muito apresenta espigas densas e vistosas. O gado não a aprecia muito como alimento quando a planta atinge o estado adulto. Em estado selvagem é muito rígida, mas torna-se macia com a cultura, segundo experiências feitas no Instituto Agrônômico de Campinas.

Cresce em terrenos arruinados das regiões tropicais e subtropicais de baixa altitude, em toda a América. Foi descrita originalmente da Ilha de Jamaica, daí o epíteto *insularis*.

Leg.: H.E.Strang, n^o 511 GUA: 2592.
Det.: C.E.Hubbard, III. 1966.

46 — TURNERA ULMIFOLIA L, Sp. PL 271. 1753.

Família: *Turneraceae*

Urban in Mart., Fl. Bras. 13 (3): 158, t.48. 1883.

Pio-Corrêa, Dic. 1: 49. 1926.

Nome vulgar: albina.

Erva de caule grosso e tortuoso na base, não chegando a ultrapassar 1 metro de altura. As folhas, de forma espatulada, são muito aveludadas na página inferior e apresentam a margem crenada no ápice. Flores sésseis, de cor variando entre amarelo-róseo, branco-amarelado ou simplesmente branco; daí o nome vulgar "albina". O fruto é uma cápsula trivalva provida de diversas sementes com a forma de um minúsculo grão de arroz.

Como planta medicinal é citada contra moléstias da pele, como expectorante e adstringente de alto valor.

Turnera foi um nome dado por Linné em homenagem ao botânico inglês William Turner, do século XVI; *ulmifolia* faz referência ao fato das folhas terem alguma semelhança com as do olmeiro.

Área geográfica: América tropical.

Leg.: A.Castellanos n^o 23462 GUA: 1738 23.IX.1971.
Det.: C.L.F.Ichaso. 23. IX. 1971.

47 — VERBENA BRASILIENSIS Vell., Fl. Flum. 17. 1829 (1825); Icones 1:t. 40. 1831.

Família: *Verbenaceae*

Schauer, J.C. in Mart. Fl. Bras. 9: 189-190. 1851. (sub. *V.litoralis* K.B.K.).

New Britton & Brown, Illustrated Flora 3: 127, fig. 128. 1952. Pio Corrêa, Dic. 4: 62. 1969.

Nome vulgar: erva-de-pai-caetano.

Planta herbácea perene, rizocárpica, com ciclo vegetativo anual, ereta, atingindo 2,50 m, com ramos divaricados, quadrangulares. Folhas oblongas e lanceoladas, sésseis, acuminadas, inciso-serrilhadas, fracamente pubescentes. Espigas cilíndricas compactas, geralmente curtas e rígidas, comumente sésseis, reunidas em cimeiras abertas tríplexes no ápice dos ramos, não cheias. Bracteolas tão longas quanto o cálice, lanceoladas, ciliadas. Cálice com lobos agudos. Corola tubulosa, purpúrea ou lilás, um pouco mais longa que o cálice, pubescentes externamente. O fruto é uma pequena noz, fortemente estriada.

Como planta medicinal é citada como febrífuga.

Verbena é antigo nome latino da espécie comum européia. *V.officinallis* L. Parece vir do celta, "fer" = tirar e "faen" = pedra, em alusão ao antigo uso da espécie-tipo no tratamento de pedras vesiculares.

Área geográfica: Regiões tropicais da América do Sul. É uma espécie que prefere solos arenosos, secos e lugares agrestes.

Leg.: A.Castellanos n.º 23465 GUA: 1741.

Det.: H.Moldenke X. 1965.

ÍNDICE DE NOMES VULGARES (N.º DA ESTAMPA)

ACCUS-MUSSA (TRIPOLITANIA)	28
ACHICORIA-DE-CABRA (ANTILHAS ESPANHOLAS)	22
AGUARAGUA	42
AGUARAGUIÁ	42
ALBINA	46
ALMORRANERA (VENEZUELA)	28
AMARANTO	03
ARAXIXU	42
ARNICA (URUGUAI)	31
BASTÃO-DE-MOISÉS (TRIPOLITÂNIA)	28
BELDROEGA	33
BOA-NOITE	08
BOA-TARDE	08
BOTON-BLANCO (P.RICO)	07
BUENA MOZA	28
CAUCULUCAGE (BRASIL)	31
CAMPAINHA-AZUL	25
CAPIM-BERMUDA	13
CAPIM-COLCHÃO	17
CAPIM-COLONIÃO	30
CAPIM-DE-BURRO	13
CAPIM-DE-COLÔNIA	18
CAPIM-DE-RÔLA	21
CAPIM-FAVORITO	34
CAPIM-FINO	13
CAPIM-GUINÉ	30
CAPIM-NAVALHA	30
CAPIM-PÉ-DE-GALINHA	20
CAPIM-RABO-DE-GATO	37
CAPIM-RABO-DE-RAPOSA	37
CAPIM ROSETA	09
CAPIM-SERRA	15
CAPIM-SORORÓ	45
CARAMURU	22
CARAXIXÁ	42
CARAXIXU	42
CARRAPICHO	09
CARRAPICHO-DE-DUAS-PONTAS	06
CARURU-AMARGOSO (BRASIL)	22
CARURU-BRAVO	03
CARURU-DE-ESPINHO	03
CASCVELHEIRA	12
CATINGA-DE-BARÃO	02
CATINGA-DE-BODE	02
CHÁ-INGLÊS (BRASIL)	39
CHARUTO-DO-REI (BRASIL)	28
CHICÓREA-BRAVA	44
CHOCALHO-DE-CASCVEL	12

CHORÃO	01
COUVÉ-CRAVINHO	32
COUVINHA	32
CRAVO-DE-URUBU (CEARÁ)	32
DON JUAN (MÉXICO)	28
ERVA-ANDORINHA	23
ERVA-DE-BICHO	42
ERVA-DE-BOTÃO	19
ERVA-DE-COBRA	24
ERVA-COUVINHA (BRASIL)	32
ERVA-DO-GRÃO-PRIOR	29
ERVA-DE-LANCÊTA	19
ERVA-MOURA	42
ERVA-DE-PAI-CAETANO	47
ERVA-DE-PORTUGUAL	29
ERVA-DE-RAPOSA	45
ERVA-SAGRADA	29
ERVA-SANTA	29
ERVA-DE-SANTA-CRUZ	29
ERVA-DE-SANTA-MARIA	10
ERVA-DE-SÃO JOÃO	02
ERVA-PARA-TODAS-AS-MOLÉSTIAS	29
ESCOBA (P.RICO)	38
ESCOBA-BLANCA (P.RICO)	38
ESCOBITA-DULCE (P.RICO)	38
FAUX-THÉ = FALSO-CHÁ (IS.MAURICIO)	39
FIRE-WEED (U.S.A.)	22
FUMO	29
GACULUCAGE (BRASIL)	31
GRAMA-DE-BURRO	13
GUARAQUINHA	42
GUAXIMA	39
GUAXUMA	39
GUIZO-DE-CASCADEL	12
JUPEBA	43
JURIBEBA	43
JURUBEBA	43
JURUBEBA-VERDADEIRA	43
JURUBEBINHA	43
JURUBEBA	43
KUAMBRI	06
LANCETA	19
LIMPION (PERU)	39
LOSNA-DO-MATO	04
LUSERA	31
MADRE-CRAVO (BRASIL)	31
MAMONA	35
MARACÁ	12
MARCELA-DO-CAMPO	06
MARIA-PRETINHA	42
MASTRUÇO	26
MENTRASTO	02
MURUBU	30
ORA-PRO-NOBIS	33
PALA-VIRGEM (MÉXICO)	28
PALÁN-PALÁN (ARGENTINA E URUGUAI)	28
PÉ-DE-PAPAGAIO	20

PETEMA	29
PETIMA	29
PETUM	29
PETUME	29
PICÃO	06
PICÃO BRANCO	02
PICÃO-DO-CAMPO	06
PICÃO-PRETO	06
PIMENTA-DE-CACHORRO	42
PIMENTA-DE-GALINHA (BAHIA)	42
PIMENTA-DE-RATO	42
PIOLHO-DE-PADRE	06
PIRIPIRI	16
PITURA	29
POAIA-FALSA	07
POAIA-PRETA	07
POAIA-ROSÁRIO	07
QUEBRA-PEDRA	24
QUITOC (ARGENTINA)	31
QUITOCO, QUITOCÓ, QUITÔCO (BRASIL)	31
RÍCINO	35
SANTA LUZIA	02
SERRALHA	44
SERRALHA-BRAVA	44
SERRALHEIRA	44
SURUCUINA	19
TABACARANA (BRASIL)	31
TABACO	29
TABACO-AMARELO (MÉXICO)	28
TABAQUILO (PANAMÁ)	22
TANGARACÁ	19
TEBINCHA (ARGENTINA)	39
TÉ-DEL-DIABLO (EL SALVADOR)	22
TIRIRICA-MANSA	14
TUPINICO (BRASIL)	31
TUPITCHA (GUARANI)	38
VASSOURA	38 e 39
VASSOURINHA	27 e 39
VASSOURINHA-DE-BOTÃO (BRASIL)	07
VINCA	08
VIRGINIA (MÉXICO)	28
FIRE-WEED (INGLÊS)	38
XIQUE-XIQUE	12
YERBA LUCERA (URUGUAI)	31
YERBA-POROSA (P.RICO)	32

BIBLIOGRAFIA

- ARENS, K., JACCOUD, R.J. de S. e RODRIGUES, O.W., 1958, — Contribuição para o estudo farmacognóstico da *Pluchea suaveolens* (Vell.) O. Kuntze. — Inst. Nac. Pesq. Amaz. Bot. 7: 1-15, 16 t.
- ATALA, F., 1964 — Ervas daninhas (19 espécies comuns no Brasil) — Vellozia 1 (4): 107-176.
- BAILEY, L.H., 1928, 1942 — The Standard Cyclopedia of Horticulture. New York: 1-3639.

- BAILEY, L.H., 1961 — Manual of cultivated plants. Rev. ed. — The Macmillan Company, New York: 1-1116.
- BAKER, J.G., 1876, 1884 — *Compositae* in Martius, Fl. Bras. 6(2): 1-398. 1876; *ibid.* 6(3): 1-442. 1884.
- BARROS, E., 1947 — *Cyperaceae* in Descole, Genera et species plantarum argentinorum Bonariae 4 (1): t. 6, 8b, 31. 1947.
- BARROSO, G.M., 1957 — Flora do Itatiaia. *Compositae* — *Rodriguésia* 32: 171-241,
- BARROSO, G.M., 1959 — Flora da cidade do Rio de Janeiro. *Compositae*. *Rodriguésia* 33 e 34: 69-147, tab. I-VIII.
- BEAUVOIS, P. de, 1812 — Essai d'une nouvelle agrostographie... — Paris, 1.182.
- BENTHAM, G., 1859, 1862 — *Leguminosae* in Mart., Fl. Bras. 15 (1): 1-350.
- CANDOLLE, A.P. De, 1824, 1825, 1837 — Prodomus Systematis Naturalis... — Paris: 1: 1.748, 1824; 2: 1-644. 1825; 6: 1-687. 1837.
- CHITTENDEN, F.J. ed., 1951, 1956 — Dictionary of Gardening — Oxford, The Royal Horticultural Society; 1-2316; Suppl. 1-334.
- CORREA, M. Pio, 1926, 1931, 1952, 1969 — Dicionário das plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas — Rio de Janeiro, 1: 1-747. 1926; 2: 1-707. 1931; 3: 1-646. 1952; 4: 1-765. 1969.
- COSTE, A. (Abbé) 1903 — Flore descriptive et illustrée de la France, de la Corse et des contrées limitrophes — Paris, 2: 1-627.
- FALCÃO, J.I. de A., 1966 — *Convolvulaceae* do Estado da Guanabara — *Rodriguésia* 37: 141-160, 12 t.
- FAWCETT, W. and RENDLE, A.B., 1920, 1926, 1936 — Flora of Jamaica — London 4 (2): XV, 1-369. 1920; 5 (3): XXVIII, 1-453. 1926; 7 (5): X, 1-303. 1936.
- GEMTCHUJNICOV, I., 1966-1968 — Chave artificial para identificação de plantas daninhas do Estado de São Paulo — Botucatu: 1-305.
- GLEASON, H.A., 1952 — The New Britton and Brown Illustrated Flora of the Northeastern United States and adjacent Canada — New York, Bot. Gard. vol. 2: IV, 1-655; vol. 3: III 1-595.
- GRISEBACH, A.H.R. — 1963 — Flora of the British West Indian Islands — London 1864 (Repr. 1963. Weinheim). XVI, 1-789.
- GUIMARÃES, J.L., 1949 — A sistemática das *Amarathaceae* brasileiras. *Rodriguésia* 24: 161-179, 9t.
- HITCHCOCK, A.S., 1927 — The grasses of Ecuador, Peru and Bolívia — Contr. U.S. Nat. Herb. 24 (8): 291-556.
- HUMBOLDT, F.A. von, BONPLAND, A. & KUNTH, S. 1817 — Nova genera et species plantarum. Lutetiae Parisiorum 2: 1-323.
- KRAPOVICKAS, A., 1957 — Las espécies de *Malvastrum* Sect. *Malvastrum* de la flora argentina. Lilloa 28: 188-190.

- KUHLMANN, J.G., OCCHIONI, P. e FALCÃO, J.I. de A., 1947 — Contribuição ao estudo das plantas ruderais do Brasil — Arch. Jard. Bot. 7: 43-133.
- KUHLMANN, J.G., 1948 — Botânica XI. Gramineas — Rio de Janeiro: 107 p., 6 t.
- LAMARCK, J.B.M., de 1786 — Encyclopédie methodique... Paris, 2: 1-774.
- LINK, H.P., 1821, 1822 — Enumeratio plantarum Horti Regii Botanici Berolinensis altera. Berolini. 1: 1-458. 1821; 2: 1-478. 1822.
- LINNAEUS, C., 1758-1759 — Systema Naturae... Ed. X — Holmiae.
- LINNAEUS, C., 1753 — Species Plantarum — Holmiae: 1-1200.
- LOMBARDO, A., 1970 — Las plantas acuáticas y las plantas florales. Montevideo: 1-296.
- MALME, G.O.A., 1900 — Ex Herbario Regnelliani adjumenta ad floram phanerogamicam Brasiliæ terrarumque adjacentium cognoscendam. 3. Bih. Svenska Vet. Akad. Handl. 25. 3. n. 11: 5-6.
- MEISSNER, F.F., 1869 — *Convolvulaceae* in Mart. Fl. Bras. 7: 198-390, t. 52-128.
- MONTEIRO F^o H. da C., 1936 — Monografia das Malváceas brasileiras, I.O gênero *Sida* — Rio de Janeiro: 1-56, 11 t.
- O'DONELL, C.A., 1959 — *Convolvuláceas argentinas* — Lilloa 29: 87-348, t. 1-5.
- PARODI, L.B., 1926 — Las malezas de los cultivos en el partido de Pergamino (Buenos Aires) — Rev. Fac. Agr. Vet. Bs. As. 5: 75-171, 7t.
- PARODI, L.B., 1946 — Gramíneas bonariensis. Ed. 4 Buenos Aires: 1-110.
- PARODI, L.R., 1959 — Enciclopedia Argentina de Agricultura y Jardinería, I. Buenos Aires: XV, 1-931.
- PENNA, M., 1941 — Dicionário Brasileiro de plantas medicinais — Rio de Janeiro: 1-302.
- PERSOON, C.H., 1805 — Synopsis plantarum... Paris 1: 1-546 p.
- POLHILL, R.M., 1968 — Miscellaneous notes on African species of *Crotalaria* L. II. — Kew Bull. 22 (2): 169-348.
- SAINT-HILLAIRE, A., 1824 — Plantes usuelles des Brésiliens — Paris: texto 70 t.
- SCHAUER, J.C., 1851 — *Verbenaceae* in Mart., Fl. Bras. 9: 169-322.
- SCHUMANN, C., 1888 — *Rubiaceae* in Mart., Fl. Bras. 6 (6): 1-466.
- SCHUMANN, C., 1891 — *Malvaceae* in Mart., Fl. Bras. 12 (3): 254-598 t. 51-114.
- SCHUMANN, C., 1895 — *Malvaceae* in Engler u. Prantl. Nat. Pflanzenf. 3.6: 30-53.
- SCOPOLI, J.A., 1772 — Flora carniolica... Ed. 2. 1/ 1-448, t. 1-32, 2: 1-496 t. 33-65.
- SENDTNER, O., 1846 — *Solanaceae* in Mart., Fl. Bras. 10: 6-228.
- SMITH, L.B., e DOWNS, R.J., 1966 — in Fl. Ilust. Catarin. Solanáceas. Itajaí: 1-321.

- SPRENGEL, C., 1826 — *Systema Vegetabilium*, 3. — Gottingae: 1-936.
- SUCRE, D., 1959 — Flora da cidade do Rio de Janeiro. *Rubiaceae* — *Rodriguésia* 33 e 34: 241-262, tab. I-XVIII.
- THELLUNG, A., 1906 — Die Gattung *Lepidium* (L.) R. Br. Eine monographische Studie — *Denkschr. Allgem. Schweiz. Ges. Naturwis.* 41 (1): 1-340.
- URBAN, I., 1883 — Monographie der Familie der Turneraceen — *Jahrb. Kg. Bot. Gart. Berlin* 2: 1-152, 2t.
- VELEZ, I. & OVERBECK, J. van, 1950 — Plantas indeseables en los cultivos tropicales. Rio Piedras (P. Rico): 1-497.
- VELLOZO, J.M., da C., 1829, 1831 — Flora fluminensis... — *Flumine Januario*: 352 p. 1829 (1825); *Icones.* — Paris, 11 vols., 1640 tab. 1831 (1827); *ex Mello-Netto in Arch Mus. Nac. Rio de Janeiro* 5: 1-461. p. 1881.
- WILLDENOW, C.L., 1880 — *Linné species plantarum ed. IV* — Berolini 3: 1-2409.

Aterro do Flamengo na época a que se refere o presente trabalho

1

2

Ambrosia artemisiifolia

4

Varioflida

Aster squamatus

6

Borreria verticillata

7

10

Chenopodium ambrosioides

Crotalaria mucronata

12

Cyperus esculentus var. *macrostachys*

15

Cyperus ligularis

16

17

Digitaria sanguinalis

Echinochloa colonum

19

Variafida

Eclipta alba

Erechtites hieracifolia

23

Euphorbia serpens

Lepidium ruderale

26

Vanioffida

Malvaceum eoromandelianum

27

Vaniasida

Nicotiana glauca

28

29

Nicotiana tabacum

Panicum maximum var. *maximum*

30

Pluchea sagittalis

31

Potrophyllum ruderale

Portulaca oleracea

33

Rhynchelytrum repens

34

Ricinus communis

35

V. V. V.

Sesbania marginata

36

37

Vania/ida

Sida carpinifolia

38

39

Sida rhombifolia

Vanica Aida

Sida spinosa

40

Siegesbeckia orientalis

Solanum americanum

42

Vania Aida

Solanum paniculatum

44

Sonchus oleraceus

Trichachne insularis

45

46

Fuernera ulmifolia

Verbena brasiliensis
47